



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JANECLEIDE MARIA DA SILVA

**LITERATURA AFRO - BRASILEIRA: *Betina* de Nilma Lino Gomes na
sala de aula**

GUARABIRA-PB

2015

JANECLEIDE MARIA DA SILVA

LITERATURA AFRO - BRASILEIRA: *Betina* de Nilma Lino Gomes na sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Especialização Étnico-Racial na Educação Infantil da UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista, sob a orientação da Prof.^a Ms. Eveline Alvarez dos Santos.

GUARABIRA-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Janecleide Maria da
Literatura Afro-brasileira [manuscrito] : Betina de Nilma Lino
Gomes na sala de aula / Janecleide Maria Da Silva. - 2015.
39 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Étnico Racial na
Educação Infantil EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Eveline Alvarez dos Santos, Letras".


1. Educação. 2. Relações Étnico-raciais. 3. Literatura. 4.
Igualdade. I. Título.

21. ed. CDD 370

JANECLEIDE MARIA DA SILVA

LITERATURA AFRO - BRASILEIRA : *Betina* de Nilma Lino na sala de aula

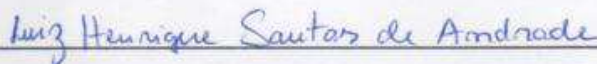
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Ms. Eveline Alvarez dos Santos
(Orientadora)



Prof^ª Ms. Gabriel Domicio Medeiros Moura Freitas
(1^º Examinador)



Prof^ª Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade
(2^º Examinador)

Aprovada em 21 de 11 de 2015

GUARABIRA - PB

NOVEMBRO DE 2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de conhecimentos, que, com a sua graça nos dá as possibilidades possíveis para a nossa existência, e nos cumula de amor e paz.

Aos meus familiares, que sempre me incentivam nas lutas do dia a dia, e, principalmente por me incentivar a continuar estudando,

Ao meu esposo e à minha filha que entenderam a minha ausência neste longo tempo de estudos,

À minha orientadora, Prof.^a Ms. Eveline Alvarez, que mesmo com tantas atribuições aceitou a minha orientação e orientou-me da melhor forma possível para que este trabalho fosse concretizado, entendendo minhas limitações e me incentivando sempre a melhorar a escrita científica.

Aos professores examinadores Prof^o Ms. Gabriel Domício Medeiros Moura Freitas e ao Prof^o Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade que examinarão com dedicação este trabalho.

Aos coordenadores do Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil, Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca e Dr. Valdeci, por todo apoio durante este curso que foi tão produtivo em nossas vidas.

À você, filha, Ana Flávia, que me trouxe luz e que é minha fonte inesgotável de energia para superar as dificuldades, e que me dá razões para eu prosseguir nas lutas, e vencer!

DEDICO

RESUMO

Nesta pesquisa fazemos uma amostra de como a Literatura Afro-brasileira pode ser utilizada em sala de aula, levando em consideração que, embora haja hoje bons exemplos de Literatura que enfatize as questões étnico - raciais, e a invisibilidade com que a temática foi tratada por muitos anos, há a necessidade de que a prática educativa enfatize veementemente nas escolas brasileiras a construção das relações étnico-raciais, buscando construir desde a tenra idade uma consciência étnico-racial que minimize as discriminações instauradas na escola e na nossa sociedade. Procuramos fazer uma análise da importância da Literatura Afro-brasileira para a formação das crianças, fazendo a distinção da literatura desenvolvida para as crianças da literatura adulta, mostrando suas controvérsias, e enfatizando o porquê de se trabalhar Literatura nas escolas desde a tenra idade. Fazemos também um retrospecto da Literatura Infantil e situando a Literatura afro no contexto educacional nas escolas brasileiras. Visualizamos um pouco das políticas afirmativas que contribuem para a promoção do ideal de igualdade que sonhamos, e inclusive destacamos a importância da Lei 10.639/2003 como contributiva para a efetivação das políticas que enfatizam a obrigatoriedade do Ensino de História e Literatura Africana nas escolas. Utiliza-se pesquisa qualitativa, e método bibliográfico, tendo por objetivo principal: compreender a importância da literatura na Educação Infantil para a construção da identidade da criança, em especial a afrodescendente, permitindo que o educador reflita acerca das histórias que não abordam as questões étnico-raciais nos livros infantis. Para isso, buscamos aporte teórico em pesquisas, livros e artigos acadêmicos já publicados, de autores renomados como: Munanga (1999), Coelho(2000), Santos(2008). Moura (1983), Marinho(2014) Cagneti 1997), Cunha(1992), Lajolo e Zilberman(1991), Freire(2008), Ferrero(1990), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil(1998), Martins e Munhoz(2007), Vila Nova e Campos(2010). Ainda enfatizamos a importância da Lei 10. 639/2003, como importante instrumento na efetivação das políticas públicas educacionais que promovem a construção da identidade étnico-racial brasileira.

Palavras-chave: Educação. Relações Étnico-raciais. Literatura. Igualdade.

ABSTRACT

This research analyzes the Afro-Brazilian Literature, although currently there are good Literature examples that emphasizes the Ethnic and Racial issue, this topic was ignored, therefore the construction of Ethnic and Racial relationship needs to be emphasizes in the Brazilian schools Educational Practice, seeking to build a racial/ethnic consciousness from an early age that minimizes the school and society discrimination. We analyzed the Afro -Brazilian Literature importance to the children education showing the controversies, we emphasize why to work Literature in schools from an early age. We also look back on the Children's Literature placing the African literature in the educational Brazilian schools context. There is a highlight in affirmative policies that contributes to promoting the equality ideal that we dream, including a highlight on the importance of 10.639/2003 Brazilian Law as a contribution for the policies effectuation. It is used qualitative research and literature method which the main objective is understand the importance of literature in childhood education for the child's identity construction, especially African descents, allowing the educator reflecting about the histories that do not discourses the Ethnic and Racial issues in child books. We sought theoretical support in research, academic books and articles published in renowned authors as Munanga (1999) Coelho(2000),Santos(1991),Moura(1983, Marinho(2014)Cagneti 1997),Cunha(1992). Lajolo & Zilberman(1991), Freire(2008), Ferrero(1990), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil(1998), Martins e Munhoz(2007), Vila Nova e Campos(2010). Also we emphasize the importance of 10.639/2003 Brazilian law as an instrument in public educational policies effectuation that promotes the construction of Brazilian Ethnic and Racial identity.

Key words : Education . Ethnic and Racial relations . Literature. Equality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2. LITERATURA INFANTIL E A SALA DE AULA	14
2.1 Literatura Infantil: conceito.....	16
2.2. Surgimento da Literatura Infantil	18
2.3 Literatura Infantil e a formação de leitores.....	20
3. CONSTRUINDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	22
3.1 Identidade étnico-racial.....	23
3.2 Educação negra e educação regular.....	25
4. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: <i>Betina</i> de Nilma Lino Gomes na sala de aula	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se o quanto a sociedade brasileira é composta por uma diversidade considerável de grupos étnicos que constituem um Brasil com características diversificadas. A relação existente na sociedade entre negros e brancos, sempre foi concebida com negatividade. Os negros sempre foram visualizados como impotentes, sem inteligência.

Dessa forma, percebe-se que a diferença de cor, de raça, promove um distanciamento entre classes, oficializando-se o discurso do branqueamento. Santos (2008(s.p), em seu estudo sobre Educação e relações étnico-raciais no Brasil nos diz:

Segundo o discurso das elites, um país desenvolvido não poderia ser marcado por uma população negra e mestiça, ou com conflitos raciais que o desestabilizassem. Nessa direção as ideologias surgiram para “solucionar” o problema: a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial que substitui a ideologia do Branqueamento como explicação da identidade nacional.

Analisando o discurso acima, podemos perceber que a ideologia do branqueamento é imperante na sociedade brasileira, e o mito da democracia racial se apresenta como uma forma de omitir os preconceitos existentes em relação à raça. Assim, Santos (2008, s.p), em sua análise, nos diz:

Levando em consideração esta análise é possível compreendermos que é na especificidade das relações no Brasil que devemos refletir sob quais mecanismos e bases as instituições políticas, culturais e educacionais reproduziram e reproduzem os valores e padrões da elite dominante, em detrimento de outras visões de mundo e referências históricas.

É preciso compreendermos a escola pública como uma importante instituição responsável pela sociabilidade dos seres humanos, pois nela ocorre a possibilidade de construção de identidades, formação com valores éticos e morais, mas observa-se que a escola, na sociedade capitalista, assume um caráter homogeneizador, prevalecendo um padrão estético e histórico vinculado à sociedade européia, o que, segundo Santos, os especialistas chamam de monoculturalismo, e excluindo a referência negro-africana da formação da sociedade brasileira.

Diante do exposto, Santos (2008 (s.p) nos faz refletir afirmando:

Evidenciamos que para além das aparentes oportunidades de acesso e permanência garantidos a todos no direito à educação, o que existe realmente são discriminações de classe e raça reproduzindo visões de mundo dominante e instituindo o fracasso escolar para aqueles que não se adequam numa instituição de ensino cuja organização administrativa e curricular, a relação professor-aluno, etc. levam os discentes negros(as) a terem um rendimento inferior ao dos (as) brancos(as).

Nesse contexto, é imprescindível que haja uma reorganização do currículo escolar das escolas e que as relações estabelecidas no ambiente escolar possam se consolidar de uma maneira mais rica, prazerosa e intensa, capaz de promover o respeito pela diversidade étnico-racial, não promovendo discriminação, ao invés de reprodução de valores que não nos representam. Assim, as práticas desenvolvidas devem ser coerentes, utilizando-se de diferentes estratégias para que se construa no inconsciente coletivo de nossa sociedade um “repensar” sobre o que se está construindo em nossas salas de aula brasileiras.

A literatura em termos gerais não é fácil de ser definida. Eagleton (2003, p.01) nos fala das múltiplas formas de tentativas de definição da Literatura e diz:

Muitas têm sido as tentativas de se definir Literatura. É passível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa” no sentido da ficção-escrita que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que se considera literatura, veremos que esta definição não procede.

Queremos enfatizar que, em princípio, procuramos aqui definir a literatura de uma forma geral, não se atendo ainda à especificidade da literatura infantil, mas compartilhamos da ideia de Cândido (2006, p.21) quando nos fala do entrelaçamento da literatura com vários fatores sociais:

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. Do mesmo modo, sabemos que a constituição neuroglandular e as primeiras experiências da infância traçam o rumo do nosso modo de ser.

Percebemos que as discriminações geradas na sociedade são intensamente arraigadas no inconsciente coletivo da população e parte das relações sociais estabelecidas. Assim, a Literatura, como reflexo social, pode contribuir ou não com a ruptura de padrões preestabelecidos, e repensados para a desmistificação de fatores geradores de discriminações, não só étnicas, mas também religiosas, sexuais, etc. Acreditamos que a literatura pode ser uma grande aliada nesta luta contra a distinção de classes, e promover a construção de uma identidade étnico-racial.

Não há dúvidas de que a Literatura, além de arte, se constitui num importante instrumento de reflexão, não só para os adultos, mas para as crianças e contribuem consideravelmente para a construção de sua personalidade. É um processo complexo no qual o mundo infantil é recriado, transpondo-se as barreiras e caindo no imaginativo, desde que seja apresentada, trabalhada de forma enfática, e promova a interação e reflexão desde a infância.

A escola, consciente da importância dos textos literários, tem a obrigação de explorá-la, buscando promover a aproximação das crianças com a diversidade de textos que podem contribuir com a formação desses pequenos indivíduos, construindo passo a passo o mundo que, para elas, ainda se configura meio abstrato. A identificação das crianças com as histórias contadas na escola pode fazer com que as mesmas reflitam e comecem a perceber o seu espaço no meio social.

O contato da criança com as histórias infantis é (ou pelo menos deve ser) estabelecido desde a Educação Infantil, pois, a criança pode refletir sobre sua condição pessoal e existência no mundo social. Utilizando-se, portanto, de uma boa literatura desde cedo com as crianças, é possível fazer emergir, a partir da contação de histórias, diversos sentimentos, modos de pensar, agir e de se relacionar consigo mesmo e com o outro. A literatura possibilita um trabalho grandioso em sala de aula que valorize a identidade, respeito às diferenças e reflexão acerca das relações constituídas na sociedade, além de instigar a imaginação e fantasia, características pertinentes à infância.

Marinho (2014, p.8) destaca que:

nos últimos anos vivenciamos também a proliferação de pesquisas e eventos científicos sobre educação e relações de étnico-raciais; experiências de trabalho com os conteúdos tornados obrigatórios no

ensino básico, após a publicação da lei n.º 10.639/2003; a consolidação no mercado editorial brasileiro das editoras especializadas em livros voltados para temáticas que dizem respeito, e mais especificamente, aos índios e negros.

Assim, a produção científica e o uso da literatura utilizada pelos/pelas professores/professoras para a consolidação da desconstrução do racismo arraigado no subconsciente coletivo de nossa sociedade são presentes nas práticas educativas, nas propagandas, nos programas televisivos, que buscam mostrar, através de seus quadros e novelas, o quanto a temática étnico-racial tem sido uma preocupação, e nos apontam soluções de aproximação, através de uma reflexão direcionada. Acreditamos que a lei 10.639/03 foi determinante para que essas mudanças ocorressem, principalmente no meio educativo, pois traz em seu texto mudanças significativas no currículo oficial da Rede de Ensino e a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra.

Percebemos que, a partir da referida lei, essa tentativa de aproximação do público leitor ativo passou a ser mais visível, pois o contato com a literatura negra, livros, novelas, etc, podem ajudar muito para que se atinjam os objetivos propostos pela lei.

Como reflexo dessa sociedade a própria escola, muitas das vezes, silencia contra temas tão importantes que promoveriam uma verdadeira revolução social, no sentido de promover o respeito à diversidade, seja de cor, raça, gênero, religiosa etc.

Assim, vemos o processo de desenvolvimento de práticas educativas que incluam a Literatura afro-brasileira como uma peça importantíssima na

conscientização e construção de uma identidade étnico-racial de crianças, negras ou não, mas que convivem num meio social e se respeitam em suas individualidades.

Segundo Marinho (2015, p. 10):

As discussões sobre discriminação e preconceito, os relatos sobre a escravidão e as formas de resistência, vão cedendo lugar aos relatos de um cotidiano comum a todas as crianças e jovens que frequentam a escola, vivenciam conflitos familiares, têm medo de escuro, de ficar longe dos pais.

Como já dissemos, as leituras de uma literatura que enfatize a temática se configura de uma importância sem limites nesse processo, e é por isso, que precisamos estar bem orientados para perceber as possibilidades de uso da literatura infantil, com temática étnico-racial para lutarmos contra as discriminações criadas e cultivadas desde cedo na cabeça de crianças e jovens.

Neste trabalho, procuramos fazer uma análise da importância da Literatura Afro-brasileira para a formação das crianças, fazendo a distinção da literatura desenvolvida para as crianças da literatura adulta, mostrando suas controvérsias, e enfatizando o porquê de se trabalhar literatura nas escolas desde a tenra idade. Fazemos, também um retrospecto da Literatura Infantil e situando a Literatura afro no contexto educacional nas escolas brasileiras. Utilizou-se pesquisa qualitativa e método bibliográfico, tendo por objetivo principal: Compreender a importância da literatura na Educação Infantil para a construção da identidade da criança, em especial a afrodescendente, permitindo que o educador reflita acerca das histórias que não abordam as questões étnico-raciais nos livros infantis. Analisa como os personagens negros são apresentados nos livros infantis no livro *Betina*, da autora Nilma Lino Gomes (2009), para mostrar as formas de utilização para o público infantil, na perspectiva da busca do enfrentamento do racismo na escola, e da construção de relações étnico-raciais mais saudáveis.

No seção 2, que intitula-se *Literatura Infantil e a sala de aula* mostramos, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (como deve ser a formação de um leitor competente, que deve se iniciar desde a Educação Infantil; definimos literatura Infantil e o seu surgimento.

Na seção 3, intitulada *Construindo as relações étnico-raciais*, mostramos as definições de Preconceitos, Discriminação e identidade Negra para melhor compreensão da temática.

Na Seção 4, fazemos a análise do Livro *Betina*, da autora Nilma Lino Gomes como forma de possível prática a ser desenvolvida envolvendo a formação da identidade étnico-racial em contexto de prática educativa,

Para isso, buscamos aporte teórico em pesquisas, livros e artigos acadêmicos já publicados, de autores renomados como: Munanga (1999) Coelho (2000), Santos (1991). Moura (1983), Marinho (2014), Cagneti (1997), Cunha (1992), Lajolo e Zilberman (1991), Freire (2008), Ferrero (1990), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988), Martins e Munhoz (2007), Vila Nova e Campos (2010). Ainda enfatizamos a importância da Lei 10. 639/2003, como importante instrumento na efetivação das políticas públicas educacionais que promovem a construção da identidade étnico-racial brasileira.

2. LITERATURA INFANTIL E A SALA DE AULA

A aproximação do aluno/a com a literatura, como já dito, é de extrema importância para a construção de sentidos, de novas formas de visualizar o mundo, e direcionar o indivíduo para a construção de si mesmo. É importante que exista uma preocupação com o caráter formativo dos alunos/alunas e se desenvolvam as competências necessárias da leitura de textos literários atingindo-se, assim, os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (Parâmetros Curriculares Nacionais, p.36)

Neste sentido, é importante apresentar ao aluno uma multiplicidade de textos que envolvam diferentes respostas ao “porquê” e “para quê” a prática da leitura se faz tão necessária.

O aumento da habilidade de leitura é imprescindível para o desenvolvimento intelectual e formação da consciência dos cidadãos, de seu mundo, das suas relações pessoais, sociais e identidade étnico-racial.

Se o que queremos é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que estão à sua volta, é preciso organizar o planejamento pedagógico de maneira que o aluno possa vivenciar as diferentes modalidades de leitura, ler para informar-se, escrever ou revisar para resolver problemas do cotidiano, para divertir-se. Na verdade, o uso de uma literatura que cumpra com seus objetivos pedagógicos será de grande importância para desconstruir preconceitos. A respeito disso, Marinho apud Antunes (2013, p. 13), nos fala sobre o que é uma boa literatura:

(...) é aquela que emancipa, isto é, proporciona o verdadeiro prazer estético, com variantes emocionais, expressivas e críticas capazes de se transformarem em conhecimento. Dessa perspectiva, a literatura com fins pedagógicos explícitos, voltados para a transmissão de determinado saber pontual, em geral orientado por uma visão ideológica, representaria o oposto da boa literatura.

Nas atividades de leitura, o aluno é desafiado a interpretar textos que possam provocar diferentes significações e também trabalhar com informações estatísticas, biográficas, científicas, que só podem cumprir seus objetivos, se houver uma Nesse contexto, é necessário que estejamos atentos para o importante papel que desenvolve a literatura, como já foi dito, na formação do indivíduo, e atentarmos para a necessidade de introduzi-la o mais rápido possível nas práticas educativas das escolas.

Por muito tempo, a literatura infantil só apresentava pequenos textos, com muitas ilustrações. Segundo Lajolo & Zilberman (2007, p.9), em termos de marco histórico, há uma influência que não pode ser ignorada em relação ao ano de 1992 (ano em que ocorreu a Semana de Arte Moderna no Brasil), quando se trata da distinção da literatura não-infantil. As autoras se expõem da seguinte forma:

No caso, entretanto, deste estudo da literatura infantil, porque a vemos no contexto maior das manifestações culturais brasileiras, não houve como fugir à aura que certos episódios, certas datas e certos acontecimentos ganharam no discurso, que, perfazendo a crítica, a teoria e a história da literatura não-infantil, torna impossível ignorar o magnetismo que exerce, por exemplo, o ano de 1922, atraindo e afetando quase tudo que se produziu nas suas imediações.

As autoras teorizam e deixam transparecer em seu discurso que as produções literárias a partir do marco de 1922, foram influenciadas pelo movimento que deu forma às produções artísticas e culturais.

As relações da literatura infantil são tão marcadas, quanto sutis.(Lajolo & Zilberman, 2007,p.09). Tende-se a marginalizar a literatura infantil, que é encarada como uma literatura inferiorizada. A respeito disso, LAJOLO E ZILBERMAN (2007, p.10), enfatizam:

Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a minoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior. Por outro lado, a frequência com que autores com trânsito livre na literatura não-infantil vêm se dedicando à escrita de textos para crianças, somada à progressiva importância que a produção literária infantil tem assumido em termos de mercado e de oportunidade para a profissionalização do escritor, não deixam margens para dúvidas.

O desenvolvimento da imaginação infantil quando compartilhado, divulgado e aplaudido faz do sujeito alguém envolvido com as ideias, compreensivo, crítico e modificador das situações, prazerosas ou não. Ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreensão e interpretação do mundo, e, dessa compreensão, pode modificar ou ressignificar o contexto no qual está inserido.

O trabalho com literatura infantil pode possibilitar a formação de leitores/escritores competentes. Incentivar o aluno/a para que compreendam aquilo que lê; que consiga transmitir aos outros os elementos de uma história através das ilustrações; que possa transformar um texto numa narrativa prazerosa a quem ouve; que possa aprender a ler o que não está escrito; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que possa imaginar e criar.

A literatura é um possível caminho para a criança desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Para contar a história, é preciso saber como se faz. As crianças aprendem nomes, sons, músicas e se inserem na cultura. Quem conta histórias precisa criar um clima de envolvimento e o objetivo desse trabalho é mostrar a importância da literatura infantil e a importância das pessoas que contam as histórias na educação infantil e incentivar as descobertas através dos livros.

É preciso reconhecermos a literatura infantil e suas diferenças, que, por viés artístico, propicia práticas que formem, que incluam, que valorize o ideário diversificado de nosso povo, de nossas construções étnicas e raciais, introduzindo no cotidiano escolar e promovendo uma mesclagem de valores que devem ser perpetuados para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Destacamos a seguir um breve histórico de como se define Literatura Infantil, buscando compreendê-la, antes de a abordarmos pelo ponto de vista étnico-racial.

2.1 A Literatura infantil: Conceito

Quem de nós, quando crianças, não se encantou com as histórias contadas por nossos avós? Com o mundo imaginário criado a partir de relatos que nos faziam ir além da realidade presente? A Literatura, portanto, tem essa característica mágica que nos encanta, que nos faz viajar e ir a lugares nunca vistos, mas imaginados e recriados, de forma que, imaginando realidades, mesmo que contadas oralmente,

faziam parte de nossa vida, de nosso mundo imaginário. Aos primeiros contatos com os livros de histórias infantis, um novo mundo se abre para nós, constituindo-se em novas possibilidades, desta vez, escritas, bem construídas e ilustradas que aguçam a nossa imaginação. A literatura surge em nossas vidas e, como arte, torna-se possível recriar, refazer o nosso mundo, as nossas ideias. Cagneti (1996,p.7) nos define Literatura Infantil como:

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização.

Percebemos que o autor concebe a literatura infantil como literatura, e, como tal, um instrumento que interliga a vida à arte, à imaginação, que, a depender do indivíduo que atinja, pode contribuir para a construção de sua personalidade pelo caminho da criatividade.

Em relação à história da literatura infantil, diferentemente dos críticos literários que não consideravam a literatura infantil como literatura, Cunha (1999, p.22), nos afirma:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passar a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Paço (2009, p.12) nos fala que:

A literatura infantil desde a origem sempre foi ligada à diversão ou ao aprendizado das crianças, acreditava-se que seu conteúdo deveria ser adequado ao nível da compreensão e interesse desse peculiar destinatário. Como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram de adaptações ou da minimização de textos escritos para os adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima do que eles consideravam possível para a compreensão infantil; retiradas as situações de conflitos não exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventuroso ou exemplar, as obras literárias eram reduzidas em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo; atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar ao nível do real ou do maravilhoso.

Conforme comentários da autora, hoje pode-se perceber que a literatura infantil ainda é vista em seu caráter minimizado, ou seja, o adulto acredita que a criança se resume apenas ao seu caráter imaginativo, e a literatura trabalhada na educação infantil, se limita aos contos de fada, literatura que apenas apontam para ouvir as leituras, numa linguagem teatral que possa chamar a atenção das crianças, ora pela imposição da voz, ora pelas ilustrações que tendem a chamar a atenção através da multiplicidade de cores.

2.2 Surgimento da Literatura Infantil

Em se tratando de Literatura infantil, é necessário que enfatizemos, aqui, o seu surgimento. A história nos mostra a esse respeito curiosidades que nos ajudam a entender as mudanças e o receio existente diante do novo gênero em questão. Lajolo & Zilberman(2007, p.14) , esclarecem:

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. Mas este livro passou por uma situação curiosa que explicita o caráter ambivalente do gênero nos seus inícios. Charles Perrault, então já uma figura importante nos meios intelectuais franceses, atribui a autoria da obra a seu filho mais moço, o adolescente Pierre Darmancourt; e dedica-a ao delfim da França, país que, tendo um rei ainda criança, é governado por um príncipe regente.

Segundo as autoras, a recusa de Perrault em assinar a primeira edição do livro é sintomática do gênero que inaugura: desde o aparecimento, ele terá dificuldades de legitimação(Lajolo e Zilberman, 2007, p.14), e acrescentou que, para um membro da Academia Francesa escrever uma obra popular, representou fazer uma concessão que ele não podia se permitir. Ainda para melhor entender, com o passar dos anos, a produção literária infantil é reconhecida e a atribuição a Perrault se estabelece, que, nas palavras das autoras Lajolo e Zilberman (2007,p.14):

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literarizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil. Contudo, os escritores franceses não retiveram a exclusividade do desenvolvimento da literatura para crianças. A expansão desta deu-se simultaneamente na Inglaterra, país onde foi mais evidente sua associação a acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas.

É interessante percebermos que a literatura infantil foi tomando forma e se expandindo, para a Inglaterra, e, logicamente, para o ocidente, passando-se uma afirmação de suas próprias características, até às edições de livros para a infância no Brasil, conforme Lajolo & Zilberman. (2007, p. 20) afirmam:

Autores todos da segunda metade do século XIX, são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantindo sua continuidade e atração. Por isso, quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns.

Evidentemente que, como ocorre com toda a influência europeia nas produções resultantes no ocidente, ocorreu também com a literatura infantil que, atendo-se aos modelos europeus até se consolidar uma literatura com identidade nacional aqui no Brasil. Dentro desse panorama, mas respondendo a exigências locais, emerge a vertente brasileira do gênero, cuja história, particular e com elementos próprios, não desmente o roteiro geral (LAJOLO & ZILBERMAM, 2007,p.20).

Como vemos, a literatura infantil assume uma trajetória que começa com a publicação de Charles Perrault (*Contos da Mamãe Gansa*), e, só no século XX, a literatura infantil foi introduzida no Brasil, conforme nos mostra Lajolo & Zilberman (2007, p.21)

Se a literatura infantil européia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os célebres *Contos da Mamãe Gansa*, a literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do

Século XIX reponte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças.

Saliente-se que, este retrospecto do surgimento da literatura infantil se torna importante para compreendermos a evolução e a inserção do negro na literatura infantil, foco principal deste trabalho.

2.3 Literatura Infantil e a formação de leitores

A literatura infantil, com suas características próprias como já enunciadas anteriormente apresenta-se para os profissionais de educação como importante subsídio de trabalho, que pode ser de muita utilidade no desenvolvimento de práticas de leitura em sala de aula. Paço (2009, p.22) faz um comentário sobre importância do comprometimento e envolvimento dos professores e professoras com a tarefa de inserção da literatura:

A tarefa de formar alunos leitores necessita de professores envolvidos com a literatura desde o início, na Educação Infantil. A literatura infantil é muito importante na formação do pequeno leitor, porque através dela a criança utiliza a imaginação provocada pela curiosidade, com isso amplia o conhecimento do mundo, viaja num mundo de imaginação e fantasia. É na escola que podemos identificar o crescimento do público leitor; mas é também ela que nos mostra, diante do número alarmante daqueles que a ela não tem acesso.

De forma bem sugestiva de prática inicial de contato com a literatura, Paço (2009, p.24), nos diz:

O professor também pode iniciar o despertar do interesse dos alunos pelos livros fazendo visitas à biblioteca, fora do ambiente escolar; a presença do aluno na biblioteca é fundamental para que o aluno possa ler, tocar e pesquisar; mesmo com as crianças pequenas. É na biblioteca que os alunos viajam para além dos conhecimentos trabalhados em sala de aula, e a professora pode observar os interesses e as curiosidades que surgirão a partir da descoberta de outros livros; podendo iniciar com isso um novo projeto de leitura, trabalho e pesquisa, partindo do estímulo e da curiosidade de seus alunos. Na biblioteca, eles descobrem o mundo da literatura, aprofundam conceitos, aprendem histórias.

São, portanto, inúmeras as possibilidades que o professor/professora pode encontrar para promover a aproximação do aluno iniciante com a literatura, inclusive com a literatura que é o foco desta pesquisa, ou seja, com a literatura Afro-brasileira, que julgamos de fundamental importância para a elaboração de atividades que possam desencadear uma nova visão a respeito da história, cultura e literatura afro-descendente. Uma maneira de despertar os interesses da criança é partir da sua realidade e das suas necessidades pessoais.

3. CONSTRUINDO AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Em todo o processo de construção e formação da identidade brasileira, é possível perceber que a nossa sociedade sempre esteve atrelada aos modelos europeus. Santos (2008(s.p), nos diz que:

No caso do Brasil, a formação da nacionalidade é escamoteada relegado a contribuição africana apenas à culinária, folclore, misticismo e língua. A África para a maioria dos brasileiros é reduzida à imagem dos quatro “T”: Tribo, Tambor, Terreiro e Tarzan. E assim os brasileiros deixam de reconhecer uma parte importante de suas raízes históricas.

A formação da nacionalidade brasileira, principalmente, quando se refere às questões que envolvem a temática da negritude, ou cultura afro-descendente, religiosidade, tende a ser desprezada. Percebemos que a luta hoje é para que se efetivem as políticas de valorização do negro como fator importante da constituição de nossa identidade nacional. Santos (2008, s.p) nos fala da importância da escola na construção das visões, que geralmente, reproduz o modelo homogêneo das elites, e tende a menosprezar a cultura afro descendente:

Percebemos que nada disso é aleatório ou espontâneo, e por isso a escola e a educação têm como uma de suas funções o fortalecimento das visões de mundo e indivíduo da elite dominante, que considera os valores europeus “civilizados”, e, portanto, devendo ser difundido entre as classe populares.

Não é difícil deduzir que a escola sempre esteve a serviço das elites. A busca de uma instituição educacional pública e de qualidade ainda é um objetivo a ser alcançado. A escola, como entidade representativa na sociedade, reproduz em seu seio os valores que mais condiz com a classe dominante. Santos (2008,s.p.), também nos esclarece esse papel reprodutor das escolas em função do poder dominante, quando diz:

Em função de tudo isso, as classes dominantes impõem uma concepção de mundo que é sua e utilizam-se para isso de vários meios entre eles, a escola. A escola reproduzirá a ideologia opressora proporcionando a hegemonia desta sobre as demais classes, por via do consentimento.

É interessante compreendermos também que a escola se apresenta na sociedade como um espaço multicultural, e, nela acontece o encontro de várias classes, inclusive a dominante e a dominada, que terão que aprender a desenvolver relações de convivência pacífica e levando em consideração a diversidade, étnico-racial. Soares (2012, p.9), tecendo comentários a respeito da presença de diferentes culturas no ambiente escolar, diz:

Partindo do pressuposto de que a instituição escolar é notadamente um ambiente de diferentes culturas, onde a diversidade étnico-racial se faz presente na convivência entre crianças brancas, negras, indígenas entre outras, o professor/a tem o papel de mediar e orientar toda a complexidade das relações humanas, buscando também na literatura a diversidade presente na nossa gente, no nosso povo, nos nossos alunos.

A mesma autora, citando Munanga (1999,p.18) nos mostra mais uma ideia importante para a compreensão do respeito à diversidade na sociedade, e na escola, pois é uma instituição social presente e atuante e apresenta uma diversidade em seu interior.

se nossa sociedade é plural, étnica e culturalmente, desde os primórdios de sua invenção pela força colonial, só podemos construí-la democraticamente respeitando a diversidade do nosso povo, ou seja, as matrizes étnico-raciais que deram ao Brasil atual, sua feição multicolor composta de índios, negros, orientais, brancos e mestiços.

Percebemos a importância da ideia de desenvolver a construção da afirmação da identidade racial desde a educação infantil, como forma de trabalhar, nesta fase da infância, o respeito à diferença racial, o que não se constitui uma tarefa fácil, dado todo o histórico de discriminação sofrido pelos negros no passado.

3.1. Identidade étnico-racial

A identidade é de muita importância para se perceber as distinções e peculiaridades, seja de pessoas, de um grupo social etc. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988), nos fala sobre a questão da identidade:

A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se confunde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição.

Achamos necessário fazer a distinção entre *identidade*, *preconceito* e *discriminação* para a melhor clareza de conceitos a que se prestam para o estudo em questão. Segundo Gomes, (2007, p.41):

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.

A mesma autora nos define preconceito como:

um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

E nos traz ainda o conceito de discriminação:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam.

Em decorrência disso, na maior parte das vezes em que se faz referências às culturas africanas e afrodescendentes nos livros didáticos, além de ser reservado pouco espaço, são reproduzidas algumas representações distorcidas, como a ideia de que a África é um país dotado de homogeneidade étnico-racial, e não um continente culturalmente diverso e complexo. Por outro lado, a falta de formação dos

docentes para o trabalho com estes conteúdos faz com que a abordagem destes temas em sala de aula seja comprometida, o que resulta em contextos escolares marcados pelo preconceito e pelo fracasso escolar dos não brancos.

Santos (2008,s.p), quando nos fala da identidade negra, diz:

A identidade negra surge, então, da dinâmica conflituosa entre a visão eurocêntrica, que nega os referenciais negros, e a busca pela valorização desses referenciais por esse segmento da população. Ou seja, de sentimento de perda, negação, constrói-se uma auto imagem positiva e altiva da pessoa negra. É uma resposta política à situação de opressão na qual a população negra, descendente de africanos escravizados, se encontrou ao longo da História do Brasil.

Como podemos perceber a identidade negra passa pela afirmação das características, dos valores, crenças e cultura de um povo. Munanga (2000, p.18), em suas análises diz que a identidade étnico-racial não passa necessariamente pelo aspecto cultural, mas é um posicionamento político frente à situação comum de opressão. A identidade não existe, pois, somente a partir de um referencial empírico, a exemplo da cor da pele, mas define-se pela relação estabelecida com a sociedade hierarquizada e as visões de mundo dominantes.

3.2. Educação negra e educação regular

É evidente que a escola é um espaço que recebe uma multiplicidade de pessoas de diferentes credos, raças, etnias, e, por conseguinte, um espaço no qual uma educação multicultural pode ser mais facilmente desenvolvida. Os impasses são, portanto, muitos e precisam ser desenvolvidas práticas mais diretas que atinjam a multiplicidade de indivíduos, não contribuindo com a discriminação e o preconceito.

Martins e Munhoz (2000, p.13) nos diz:

Em nossas escolas é comum crianças negras serem ofendidas em razão de seu pertencimento racial, e os professores na maioria das vezes, não sabem como lidar com tal situação. Sendo assim, é preciso que eles saibam que não podem se eximir de tomar partido quando deparam com situações de racismo em suas salas de aula, porque para a criança ofendida o resultado desses insultos será construção de uma auto-estima. Além disso, como foi dito acima, nada fazer significa atuar de forma racista.

Como vemos, numa escola plural e com uma multiplicidade de pessoas, é necessário que os professores/as estejam atentos o tempo todo, buscando identificar as situações cotidianas na sala de aula em que pode haver uma intervenção sua, no sentido de não permitir que o ambiente escolar se torne um ambiente no qual a cor da pele seja razão de discriminação e instrumento gerador de preconceitos que devem ser coibidos desde as primeiras fases do ensino. Lidar com as diferenças nunca é uma tarefa fácil, principalmente, com as crianças que recebem de suas famílias uma educação, muitas vezes, discriminatória, e ouvem o meio social em que convivem. É um desafio que os profissionais de Educação não podem deixar de incorporar em sua prática educativa: promover no ambiente escolar um espaço de interação e respeito mútuo, tornando as experiências desenvolvidas mais ricas em sua extensão.

Martins e Munhoz (2007, p.13) ainda nos dá uma idéia muito boa e adequada:

Essa dificuldade em lidar com o diferente é empecilho para termos experiências de vida mais ricas. Em se tratando de uma sala de aula ou escola, isso realmente é um problema, pois todos que estão ali precisam ter os mesmos direitos e deveriam poder lidar com todos os tipos de pessoas. Acreditamos até que atitudes receptivas para com todos que compõem uma sala de aula padrão ser de ajuda, inclusive no tocante à aprendizagem.

Partilhamos da mesma linha de pensamento das autoras quando percebemos a dificuldade existente na aceitação do diferente nas relações cotidianas, cujas deveriam ser estabelecidas de forma consciente no ambiente escolar, levando-se em consideração o direito do reconhecimento pessoal em sua plenitude. Todos esforços profissionais dos educadores e educadoras devem ser incentivados no sentido de uma formação adequada e comprometida com a evolução dos tempos modernos, tornando sempre o ambiente de sala de aula mais democrático e humano. Em seu escopo, a lei é enfática quanto aos objetivos a que se propõe, porém faz recair sobre a escola uma grande responsabilidade em sua efetivação. Nestes termos, Martins & Munhoz (2007, p.23) nos fala:

Essa e também não deixa de ser um grande desafio para os professores, pois desperta neles a necessidade de terem um conhecimento mais abalizado a respeito da inserção do negro em nossa sociedade, para além do que se sabe a respeito da

escravidão, que é o que normalmente as escolas ensinam sobre a história do negro no Brasil (MARTINS & MUNHOZ, 2007, p. 23)

As autoras ainda evidenciam que as bibliotecas escolares estão cheias de livros que podem ser úteis para a reflexão e para o trabalho dos professores que trabalham com a diversidade cultural.

A diversidade de gêneros (e a qualidade das obras) revela que as bibliotecas das escolas públicas brasileiras já possuem um acervo considerável de obras que podem ser lidas pelos alunos, de maneira autônoma, ou através da mediação dos professores. (MARTINS & MUNHOZ, 2007, p.18)

Parece-nos até estranho cogitar que os/as professores/as desconheçam o acervo da escola, mas supomos ser este um caso tão trivial, que nos leva a refletir muito sobre o quanto uma escola bem articulada poderá contribuir com a construção de práticas significativas.

Inclinamo-nos a compartilhar com as ideias das autoras, pois percebemos o quanto os professores e professoras, por falta de tempo livre, pois muitos trabalham dois expedientes ou mais, não conseguem ter tempo livre para planejar suas atividades. Imagine-se, portanto, tempo para se dedicar, para conhecer novas obras literárias que possam contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas. Visando a construção de uma identidade étnico-racial na escola. Lamentavelmente, a ideia de um professor/a pesquisador/a ainda é distante da realidade vivenciada por nossas escolas brasileiras, pois só com um grande empenho dos profissionais e uma articulação forte da comunidade escolar, será possível essa construção.

4. LITERATURA AFRO - BRASILEIRA : *Betina* de Nilma Lino Gomes na sala de aula

Neste trabalho, o livro *Betina*, de Nilma Lino Gomes, como forma de demonstrar as possibilidades que os professores/as podem utilizar na sala de aula, capazes de promover o enfrentamento ao racismo e discriminação gerados, principalmente no ambiente escolar.

A narrativa do livro “Betina” se desenvolve em torno de uma personagem de mesmo nome: uma menina linda, brincalhona e que adora quando sua avó faz tranças em seu cabelo crespo. No início da história é a primeira cena que se apresenta, a avó de Betina tentando lhe fazer um novo penteado em meios a puxões de cabelos e risadas.

As tranças de Betina são bastante elogiadas e admiradas por seus colegas de escola, porém nem todos veem com bons olhos o estilo do cabelo dela. Muitas crianças fazem brincadeiras desagradáveis, chegando até a puxar as lindas tranças de Betina. Mas ela não liga para as impicâncias dos colegas e sugere até que se eles quiserem, ela pode pedir para avó fazer tranças no cabelo delas também.

A paixão por penteados específicos para cabelos crespos faz com que Betina se torne uma cabelereira de mão cheia. Ela monta o maior salão especializado em todos os tipos de tranças, penteados criativos e tratamentos capilares.

Até que um dia surge um convite inesperado: a diretora da escola municipal liga para Betina convidando-a para dar uma palestra para os alunos e alunas falando sobre a arte de pentear e trançar. No dia marcado ela vai para a palestra bem vestida e com o cabelo todo trançado do jeito que sempre gostou desde criança. Durante a palestra, diante de alguns questionamentos dos alunos, Betina realiza um discurso destacando a importância de valorizar a cultura e os conhecimentos passados de geração em geração e, principalmente, levando os alunos e alunas a valorizarem a carga cultural dos antepassados.

O Livro *Betina* da autora Nilma Lino Gomes (2010) poderá ajudar os professores/as a criar uma sequência didática trabalhando a temática da valorização do negro/a, através da cor, dos costumes. Se o professor/a planeja que seus alunos possam aprender a respeitar o/a seu/sua amiguinho/a na sala de aula, este livro pode contribuir consideravelmente, pois apresenta linguagem simples, é bem ilustrado e o conteúdo promove uma interação contínua, minimizando as diferenças

existentes entre brancos/negros e nos dá subsídios para estabelecer boas relações entre a classe. Apresentamos abaixo a capa do livro:

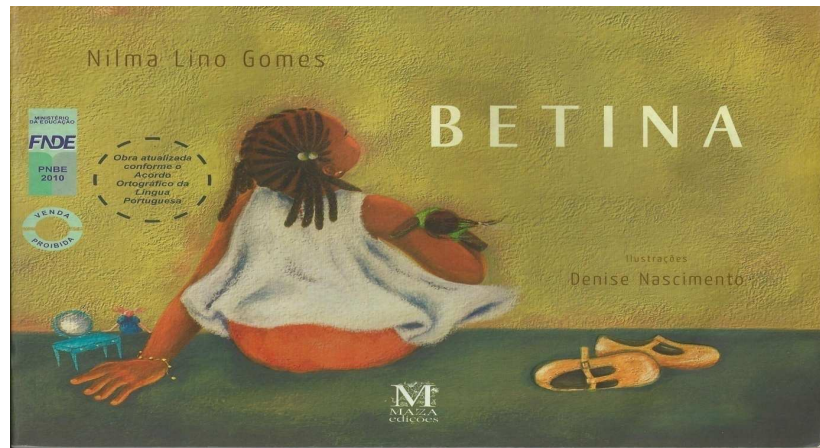


FIGURA 1

Na capa, observamos uma criança negra, de costas, com suas tranças características. Pensando-se numa sequência didática a se trabalhar com os alunos e alunas da educação infantil, o professor poderia, num primeiro momento, chamar a atenção dos alunos e alunas para que visualizassem a imagem e perguntando, por exemplo:

- A) tem algum/a amiguinho/a de vocês aqui na sala que usa o cabelo igual à menina da capa deste livro? E aguardaria as respostas, que supomos ser diversas, mas que poderia levar o professor a criar uma roda de leitura, sentados no chão, para discutir se o cabelo é bonito ou não. Perguntaria também, se as crianças sabem porque o cabelo do seu amiguinho é daquele jeito, ouvindo-os, e intervindo na hora certa, visando construir um ambiente que deixassem os alunos curiosos;
- B) num segundo momento, o professor/a poderia perguntar sobre a cor da pele da personagem do livro em estudo. Se eles/as percebem diferenças ou aproximações da cor da menina do livro, ou seja, a Betina, com algum colega de sua turma, e poderia então começar a mostrar a diferença de raça existente na escola, aproximando o diálogo para a promoção do respeito mútuo que deve ser desenvolvido na escola e entre eles/as;

- C) em sequência, mostraria, com leitura entusiástica, o quanto a Betina ficou bonita com o novo penteado que a avó dela tinha feito, e pergunta-lhes se eles gostaram também! Aguardava as respostas com calma, e esperando o momento certo para fazer uma intervenção, mostrando para as crianças que as pessoas são diferentes, tem cores diferentes, modos de se vestir, usam ao forma de usar o cabelo, mostrando que eles/as precisam aprender a valorizar na escola e na sociedade. O discurso do professor/a deve ser aberto, com clara intenção de promover a solidariedade entre os mesmos, tornando o respeito mútuo uma ferramenta importantíssima para a construção de valores humanos;
- D) Para que a leitura do livro fosse mais significativa para as crianças seria muito importante os professores/as utilizar, ao contar a história de Betina, teatrinho de fantoches, etc. É um desafio chamar a atenção dos pequenos/as e isto ajudaria muito no processo pedagógico.

A ilustração abaixo nos mostra a Betina já crescida, seus cabelos trançados, demonstrando um tom de originalidade da raça negra, sua cor, seu cabelo habitual, mas lindo, e isso precisa ser enfatizado promovendo a aproximação cotidiana dos alunos/as o diferente não seja causa de estranhamento, tampouco de chacotas, apelidos, tão usuais nessa fase e no ambiente escolar. Saliente-se a sequência didática acima citada foi pensada na direção de Educação Infantil. Nas séries iniciais, outras sequências poderiam ser desenvolvidas, inclusive com o uso de filmes, e exploração maior no discurso do livro, pois um aluno de 3º- 4º Ano, já seja alfabetizado.



FIGURA 2

Observamos que pequenas atitudes na Educação Infantil, inclusive no ambiente criado em sala de aula, podem ser de muita relevância para os pequenos e pequenas e a tarefa de se trabalhar uma temática tão importante já assume um tom de maior dificuldade, pois o mundo da criança é o brincar, construir associações mentais com a realidade que ele vivencia. Assim, a linguagem do professor, o tom de valorização da cor negra, do cabelo crespo, característico da raça negra, tornará mais perceptível no mundo infantil pela voz e imagens.

A linguagem do livro, nestes termos, pode ser traduzida, ou, quem sabe, o professor/a introduzir um teatrinho no qual possa chamar a atenção para essas questões são importantes ações na desconstrução de preconceitos.

A criança imita atitudes que presencia. Então o contato com as ações, com a leitura de Literatura Afro-descendente, com a linguagem e atitudes do professor/a na sala de aula podem ser facilmente assimilados.

Pensando-se num projeto pedagógico para se trabalhar com alunos de 4º e 5º anos, trabalhando uma sequência didática, outros pontos poderiam ser ressaltados, como a linguagem do texto em questão que suscita muitas temáticas passíveis de abordagem na sala de aula, como por, exemplo, a valorização de si mesmo(a) com suas características próprias, mesmo inserido numa sociedade discrepante e preconceituosa. Transcrevemos um discurso do livro em análise que pode ser

aproveitado pelo professor/a para construir nos alunos/as esta consciência. Na sequência, fotos da Betina e da Avó trançando seus cabelos:

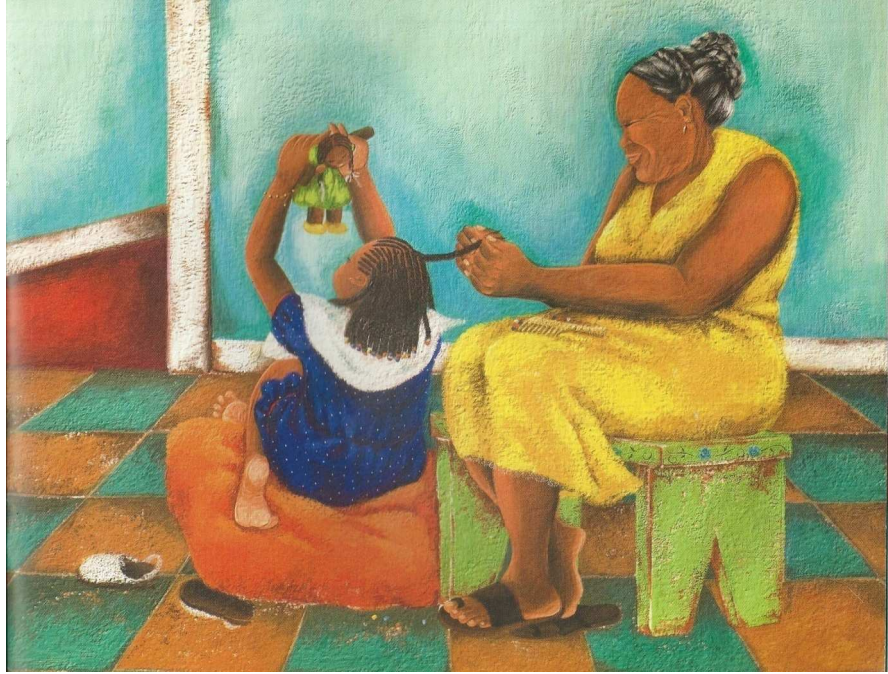


FIGURA 3

Segue foto, pós-trançamento, na qual a Betina se olha no espelho e se admira:

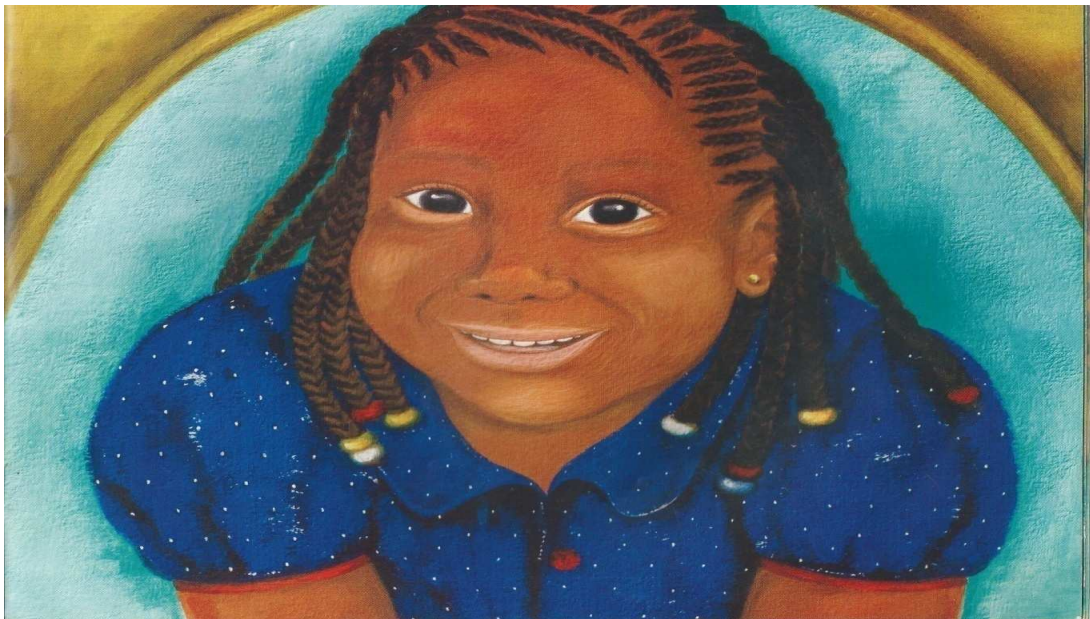


FIGURA 4

Quando a avó terminava o penteado, Betina dava um pulo e corria para o espelho. **Ela sempre gostava do que via.** Do outro lado do espelho, sorria para ela uma **menina negra**, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas (LINO, p. 8).

Os grifos em destaque nos apontam vieses de introdução de um possível discurso do professor/a para essas questões valorativas da raça negra, que acreditamos dever ser incentivadas, resgatando a auto-estima pessoal dos alunos e alunas.

A menina Betina tinha sua estima alta:

Na escola, a professora comentava:

- Uau! Já mudou de penteado de novo, Betina. Essa menina é mesmo impossível!

Betina sorria com suas bochechas salientes e respondia, orgulhosa: Foi minha avó que m fez (LINO, p.8).

A Betina não tinha vergonha de si mesma, e se orgulhava de suas tranças, da marca pessoal, entre outras, que a caracteriza como negra. Essa consciência adquirida por um viés formativo tem uma grande importância para a conscientização das pessoas negras.. Um discurso em sala de aula será contribuinte para o resgate da negritude, da consciência de si mesmo/a. Some-se o discurso proferido pela professora que denota o reconhecimento do penteado, com elogios, e isso poderá ser assimilado pelos demais alunos/as da sala.

Mas havia também quem não gostasse das tranças de Betina. Menino e menina que torciam o nariz e puxavam as tranças da garota quando ela estava distraída. Betina respondia, de forma enérgica, não deixava passar nada:

-Para com isso! Tá com inveja, é? Se quiser, peço a minha avó para fazer trancinha no seu cabelo também. (LINO, p. 12)

De acordo com a citação acima, outra questão poderia ser abordada, e que é tão perceptível no meio escolar: o bullying. O professor/a poderia chamar a atenção para as brincadeiras desenvolvidas na sala de aula, os ataques contra o cabelo, a cor da pele que podem se tornar prejudiciais no ambiente escolar, reafirmando o discurso anterior da auto-estima de Betina, no qual ela não se deixa abalar por nada, como forma de valorizar a si mesma, atitude, no mínimo passível de incentivo para os demais.

Relatamos na íntegra outro trecho do livro que apresenta questões possíveis de serem trabalhadas na escola com as séries iniciais relevantes:

O tempo foi passando e Betina foi crescendo. Sua avó foi envelhecendo...envelhecendo...envelhecendo...Um dia, a avó falou com a netinha:

-Betina, sinto que, daqui a pouco tempo, vou me encontrar com os nossos ancestrais,

- Quem são os ancestrais, vó? São pessoas que nasceram bem antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo, no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta. A força e a coragem dessas pessoas continuam até hoje em nossas vidas e na história de cada um de nós (LINO, p.14).

Veja-se que a história relatada se passa no Brasil, e o discurso a autora claramente deixa transparecer uma ideologia que valoriza a negritude. Assim, o professor/a poderia abordar a questão da ancestralidade de Betina, incentivando a pesquisa sobre as contribuições do povo negro para a formação de nossa história, abordar a religião afro-descendente; a cultura negra, a culinária etc. que comporiam uma sequência didática muito produtiva para o entendimento e valorização do negro na sociedade. No trecho abaixo, podemos perceber que há espaço para que o professor possa entrar nessa discussão:

O tempo foi passando e Betina foi crescendo. Sua avó foi envelhecendo... envelhecendo... Um dia, a avó falou com a netinha:

- Betina, sinto que, daqui a pouco temo, vou me encontrar co os nossos ancestrais.

- Quem são os ancestrais, vó? Acho que já sei. É gente morta, né?

- Mais ou menos, querida! São pessoas que nasceram bem antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo, no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta. A força e a coragem dessas pessoas continuam até hoje em nossas vidas e na história de cada um de nós. (LINO, p.14)

Ao invés de preconceitos geradores há séculos, estaríamos minimizando-os e reconhecendo o negro com sua arte e cultura integrantes na composição da cultura brasileira.

Outro trecho do livro nos chama a atenção, quando a avó de Betina explica para os seus colegas de classe sobre a cultura negra, sobre a forma de transmissão dos conhecimentos que ela detém.

-É isso mesmo! Na história da minha família, a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó pra neta e assim por diante, Uma mulher foi ensinando para a outra até chegar a mim. Mas isso não aconteceu só na minha família. É uma forma muito comum de ensinar e aprender presente na história de muitas famílias brasileiras (e também de outros países), principalmente, as negras. Em nosso país muito do que sabemos hoje, tem sido comunicado dessa maneira. (LINO, p.22)

Como vemos, ao analisarmos um paradidático, surgem-nos inúmeras possibilidades de abordagens que podem ser pensadas e planejadas por professores e professoras atuantes na educação infantil, abordando a temática de étnico-racial.

Como todas as novas posições precisam ser efetivas nas salas de aula, a escola, toma para si uma responsabilidade muito grande para que as construções relativas à raça, geradoras de discriminações no ambiente escolar, possam ser desmitificadas e reduzidas. Eis, portanto, um desafio para os profissionais de educação que muito contribuirá com a construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos a questão da Construção Étnico-Racial se configura como um desafio intenso nos dias atuais, pois não é fácil desconstruirmos trezentos e oitenta e oito anos em que os negros foram invisibilizados no nosso país, mas diante do quadro exposto é necessário que a sociedade possa se organizar para que os direitos adquiridos com o tempo não possam ser também relegados ao esquecimento.

Cada cidadão brasileiro deve buscar a conscientização em si mesmo e reproduzir veementemente as noções de respeito mútuo na sociedade em que vive, buscando construir uma sociedade livre das discriminações geradas durante tanto tempo.

A escola, como instituição detentora do poder de transmissão do Conhecimento não pode se eximir de entrar na luta contra o racismo, e modificar-se para que as ações desenvolvidas em nossas escolas sejam benéficas e que a igualdade e a diversidade possa ser reconhecida como um fator enriquecedor para as relações sociais saudáveis.

A utilização da Literatura afro-descendente, que abordam a diversidade étnico-racial, pode construir no inconsciente coletivo dos alunos desde a tenra idade, a noção de que a valorização do ser humano vai além da cor da pele, além das orientações sexuais, além de fatores religiosos. A exemplo da análise que fizemos com o livro *Betina* de Nilma Lino Gomes, pode-se perceber que as tentativas de aproximação da literatura de conteúdo afro deve ser incentivada desde a educação infantil, através de ações pedagógicas e sequências didáticas exploratórias que possam proporcionar o contato direto dos alunos e alunas, de forma que eles/elas possam ver as diferenças e as entendam com naturalidade, e não de forma discriminatória.

É necessário que o ambiente escolar esteja propício para receber o considerado diferente diante das concepções hegemônicas que norteiam o ethos de nossa sociedade brasileira. Em âmbito escolar é necessário que haja uma modificação dos padrões, das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores e professoras, capaz de mostrar o negro através da literatura produzida

pelas editoras na atualidade e que chegam às nossas bibliotecas públicas, capazes de promover uma enorme revolução no pensamento dos indivíduos.

O distanciamento dos professores/as dos livros que propiciem a aproximação da temática étnico-racial se torna um problema que precisa ser, urgentemente, pensado para que os mesmos possam ter a possibilidade de tempo necessário para se envolver em leituras, refletir, promover projetos interdisciplinares e multidisciplinares que promovam a interação nas nossas escolas.

Como vimos, em termos legais, a Lei 10.639/2003, traz inovações necessárias para pormos em prática as políticas afirmativas que podem fazer enorme diferença na efetivação do ensino de História da África, e do Ensino da Literatura Afro na escola, apresentando o negro e as questões étnicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10.639/2003. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 18 de set. de 2015.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática.** 18 ed. São Paulo: Ática, 1999

Parâmetros curriculares nacionais para a Educação Infantil. **Educação para as relações étnico-raciais**, 1988.

GOMES, Nilma Lino. “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES. Nilma Lino. Betina. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN. Regina. **Literatura Infantil- História & Histórias.** 6.ªed. Ática, São Paulo, 2007

BRASIL. Lei 10.639/2003. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 18 de set. de 2015.

MUNANGA, Kabengele. (org). **Superando o Racismo da Escola.** 2ª Ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

MUNANGA, Kabengele. “**Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**”. In: *Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói: EDUFF, 2000 (Cadernos PENESB; 5).

O encanto da Literatura Infantil. Disponível em: http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_PACO.pdf Acesso em: 22 de agosto de 2015.

REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: Formação Pessoal e social, Volume 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS. **Educação e relações étnico-raciais no Brasil: monoculturalismo e a construção da identidade negra.** Revista eletrônica. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/091/91santos.htm>). Acesso em: 02 de out. de 2015.

SOARES, Aline Gimenes. **Literatura Infantil e a identidade da criança afro-brasileira. Construção ou negação.** (Monografia), Rio de Janeiro, 2012.

VILANOVA, Cássia Marly Moreira. **O Acervo Literário Disponível às Escolas públicas de Educação Infantil.**In: Por Dentro da Educação Infantil – a criança em foco. Rio de Janeiro: Wak 2010